

ARPA ARTIGOS DE OURIVESARIA, LDA.

Da mesma forma que o povo dizia que na Nazaré todos os caminhos vão dar ao mar, em Gondomar as ruas foram batizadas com nomes inspirados no expoente da arte local, a Filigrana. Ali se multiplicaram oficinas onde reinava o silêncio, típico da concentração necessária que se exige para executar bem o ofício. Pontualmente, esse silêncio era interrompido pelas rodas dos carros de bois ou pelos pregões das varinas que passavam para vender o peixe, a que acorriam as mulheres cujo dilema era o de escolher os janquinzinhos para o almoço ou a pescada para o jantar.

Mas na Rua dos Ourives, que concentrava 12 oficinas de Filigrana, era diferente. Corriam estrada abaixo os gaiatos da escola, de cordas vocais sonantes e mochila de couro às costas num frenesim que só a infância conhece, depois das aulas. No final dos anos 60 e com 8 anos, António misturava-se nessa pequena multidão infante. De sorriso aberto, a corrida terminava para o António no número 58 da Rua dos Ourives, altura em que vestia a pele de adulto para se atarefar nas artes da Filigrana, enquanto talhador, a elaborar granitos e rosetas.

Ali cresceu, escrevendo em finos fios de ouro a história da sua tenra juventude. Aos 22 anos a Armada Portuguesa chamou-o para o mar, para cooperar na defesa militar de Portugal em operações navais, seguindo o lema que jamais haveria de esquecer: *A Pátria honrae que a Pátria vos Contempla*.

Três anos depois, António regressou à terra para viver a sua paixão, montando a sua própria oficina de Filigrana. Era ainda muito jovem, mas convicto de que horaria a Pátria que o contemplava através da sua arte, inspirando-se nas ondas do mar que a Armada Portuguesa lhe permitiu conhecer de perto, na criação de joias únicas.

António viria a conhecer um revés: os anos 90 trouxeram um novo conceito de moda que se alargou à joalheria, o minimalismo. A estética eliminou os detalhes criando modelagens mais amplas, curvas mais discretas e uma visão simplista da vida, contrapondo o exagero dos anos 80. Rica em detalhes, a Filigrana era exatamente o oposto deste novo conceito e durante dois anos António dedicou-se à joalheria em prata com modelos bastante mais simplificados, contrariando o seu ADN e o vício pelo milimétrico.

Mas a sua história é um eterno recomeço. No meio da tempestade, uma decisão firme: António içou as velas e virou o leme rumo à intemporalidade da Filigrana. Reergueu-se. Trabalhou por algo maior que ele próprio: a sua crença. “A Filigrana é a minha vida”, não se cansa de o dizer.

A sua oficina, onde hoje trabalham 16 ourives e 5 enchedeiras, é uma epopeia que revisita o seu passado. A par dos brincos, pulseiras, pendentes, anéis e outras joias de adorno pessoal, nos mostruários exibem-se complexas Caravelas, Naus e barcos Rabelos ricamente trabalhados em finos fios de ouro torcidos e batidos, em estruturas cheias com delicadas cornucópias, caracóis, granitos e rosetas. Os tempos da Armada estão ali. Mas em Filigrana.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
do António em vídeo

